



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



O complexo de visualidade militar na Guerra ao Terror¹

Elizabeth Sargedine²

Ana Rita Vidica³

RESUMO

Este trabalho analisa o complexo de visualidade militar presente nas fotografias da Guerra ao Terror, com base no conceito de complexo de visualidade de Mirzoeff, que relaciona práticas sociais, processos normativos e formas de controle visual. Destacamos como a visualidade militar atua para legitimar a governança imperial por meio do combate à insurgência, utilizando tecnologia digital e narrativas estéticas e políticas. Examina-se o papel das operações militares no Afeganistão e Iraque, refletindo sobre as ações, justificativas e consequências da intervenção militar estadunidense nesse contexto. O artigo aponta para a construção de um discurso que naturaliza a violência e o desequilíbrio de forças, endossando os esforços neo-coloniais contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: complexo de visualidade; Mirzoeff; Guerra ao Terror; complexo militar; Guerra do Iraque; Guerra do Afeganistão.

Introdução

“Complexo”, para Mirzoeff, é um conjunto de organizações sociais e processos (Mirzoeff, 2016, p.752). Tais processos culminam na criação de aglomerados normativos que atuam a favor da visualidade, interferindo nos modos de ver. Mirzoeff (2016) apresenta três complexos de visualidade associados a diferentes períodos históricos: o primeiro, o plantation é ligado aos modos escravocratas e ditames coloniais; o segundo, imperial, é conectado ao controle das colônias e à manutenção dos valores imperialistas,

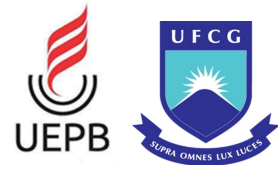
¹ Trabalho apresentado no GT Fotografia documental.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, e-mail: elizabeth.sargedine@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFG, e-mail: ana_rita_vidica@ufg.br



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



uma vez que “o legado do plantation é a vigilância local das pessoas por uma figura de autoridade, visível ou não, a visualidade imperial era um modelo centralizado para o controle de populações remotas.” (Mirzoeff, 2016, p.755). Por último, o complexo “contrainsurgente”, o industrial militar e também é o atual estado de visualidade. Mirzoeff o define como:

A estratégia de limpar, manter e construir, mantra militar da contrainsurgência recente, significa remover os insurgentes de uma localidade usando força letal, em seguida sustentar a expulsão por meios físicos, como muros, e, finalmente, construir um governo neoliberal no espaço de circulação resultante. Assim, a contrainsurgência classifica e separa à força, para produzir uma governança imperial que se auto-justifica por ser tida como certa e, portanto, estética. (Mirzoeff, 2016, 758)

Dessa forma, a razão de ser da contrainsurgência é o enfraquecimento de outros países em possível rebelião, de modo a criar debilidades estruturais significativas e duradouras, posto que “os legados imperiais estão, então, dominando aos poucos a nova retórica da contrainsurgência no contexto de avançadas tecnologias digitais e de comunicação.” (Mirzoeff, 2016, p.759), com os fins de gerar legitimidade aos golpes de estado ou interferências políticas nos sistemas “insurgentes”, os mandamentos da contrainsurgência consistem em criar um ambiente estável e seguro através de forças combatentes altamente treinadas e disparidade com as forças locais, treinar polícias nacionais para assegurar a soberania do novo governo “democraticamente eleito” e que concomitantemente aceite as práticas do livre mercado e do pluralismo econômico.

Após o ataque de 11 de setembro de 2001, com a derrubada das Torres Gêmeas pela Al Qaeda, a política externa estadunidense sofreu um grande revés, especialmente no Oriente Médio: a partir daquele momento o país lançou-se — convocando para isso também seus aliados e ameaçando todos que não o apoiassem de associação terrorista—, em um movimento de perseguição das forças “terroristas” por todo o mundo árabe, o que ficou



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



conhecido como “Guerra ao Terror”, resultando na invasão de países como o Afeganistão e Iraque para dismantelar organizações terroristas e regimes que os apoiavam.

Assim, o governo estadunidense ocupa a prisão iraquiana Abu Ghraib, utilizada na gestão de Saddam Hussein e conhecida como centro de detenção e por suas práticas de tortura. Em abril de 2004, fotografias de soldados americanos torturando detentos foram veiculados em muitos meios de comunicação por todo o mundo. Nas fotos, aparecem torturados e torturadores, em uma estética em que o corpo se torna espetáculo (Mirzoeff, 2006) e a violência se torna gráfica, como vemos nas duas imagens escolhidas abaixo⁴.

Na prisão ocupada pela gestão estadunidense foram denunciados diversos casos de tortura, maus-tratos, e condições desumanas de detenção. As duas imagens escolhidas para este trabalho são protagonizadas por militares, a primeira pelo militar Ivan Frederick, um dos torturadores; a segunda, pelo Cabo Charles Graner, também responsável por fazer circularem as 144 fotografias de tortura, distribuindo-as em CD's para seus colegas como espécies de troféus.

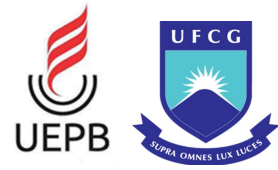
A primeira imagem (Fotografia 1) é ocupada por dois homens em diferentes relações de poder, em um claro exercício de subalternização do Outro. Nos vemos no interior do complexo prisional no que parece ser um ambiente fora das celas, apesar de ser possível vê-las ao fundo. No centro da fotografia vemos Frederick completamente trajado a caráter, sentado com as pernas cruzadas e as mãos sobre os joelhos ostentando um ar de imponência sobre um detento plenamente impotente.

Fotografia 1 - Ivan Frederick tortura detento.

⁴ Foram analisadas no texto apenas duas imagens por se tratar de um resumo expandido com limite de 6 páginas.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Ivan_Frederick.

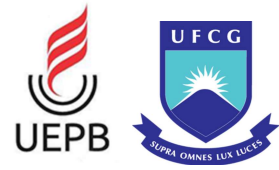
Sua expressão aparentemente impassível deixa escapar em sua postura alguém que se regozija com a humilhação e subalternização do “mais fraco”. Sob ele, um detento enrolado em um colchão, com as mãos próximas ao queixo, e o corpo todo pressionado contra uma maca e o chão. Sobre ele, o peso do torturador. Ambos olham a câmera, em um movimento forçoso que obriga o detento a olhar o aparelho fotográfico e quem o opera do mesmo modo como descrito no Complexo Militar, como propõe observar Mirzoeff (2016).

Na segunda imagem (Fotografia 2) o torturador, Graner, está com um dos joelhos no chão e uma das mãos apoiada nas costas do detento. Os dois olham para a câmera, e apenas o rosto do detento está borrado por uma tarja preta, mas está sugerido o seu olhar voltado para a câmera, como se tivesse a autorização e/ou ordenação para tal ato. Ao fundo, infere-se que seja um homem em pé oculto por uma maca na vertical, dele só vemos os tênis brancos, o que pode indicar um não militar, ou alguém de fora da prisão.

Fotografia 2 - Charles Graner tortura detento.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abu_Ghraib_37.jpg

Atrás dele, no canto esquerdo da fotografia, há um detento com as mãos algemadas nas costas e o rosto pressionado contra a parede. A cena parece se desenvolver no mesmo local da anterior, pois há conformação visual entre os espaços e ambas ostentam um tecido branco com listras horizontais azuis e vermelhas na mesma posição. Também carregam a semelhança de utilização da mesma técnica de tortura e também a autorização e/ou ordenação para olhar à câmera, mesmo que seus olhos não sejam vistos por nós.

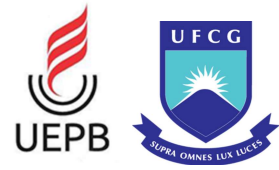
A tortura em Abu Ghraib já havia sido amplamente vista e divulgada quando a mídia americana finalmente tomou conhecimento dela. Essa fronteira entre ver e não ter permissão para ver delimitava a esfera da imagem visual militarizada e aqueles autorizados a vê-la. (Mirzoeff, 2006, p.24) (Tradução nossa)⁵

Percebe-se, com isso, a operação do complexo visual militar, proposto pelo autor, em que, por vezes é autorizado o olhar, por vezes, ele é negado, revelando relações de dominação dos outros. Embora sejam apenas duas

⁵ Texto original em inglês: The torture at Abu Ghraib had, then, been widely seen and disseminated by the time the American media finally became aware of it. That boundary between seeing and not being allowed to see delineated the sphere of the militarized visual image and those authorized to see it.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



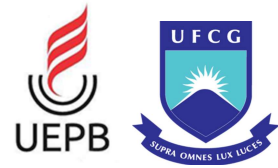
imagens apresentadas, pelo curto espaço de escrita, elas se relacionam com as outras 142 imagens, circuladas internamente, como um troféu de conquista do outro.

Esse processo de dominação visto nas imagens se relaciona ao processo de invasão, demonstrando a disparidade de forças. No intervalo de um mês, o país foi devastado pelas forças aliadas e norte-americanas. A segunda é que a premissa do conflito demonstrou ser infundada. Das diversas instalações e fábricas bélicas que Bush afirmou haverem categoricamente no Iraque, nenhuma sequer foi encontrada, o que afirma uma retórica neo-colonialista, posto que “o objetivo da contrainsurgência não é criar estabilidade, mas naturalizar ‘o desequilíbrio de forças que se manifesta na guerra’ e, assim, perpetuar-se a si própria.” (Mirzoeff, 2016, p. 761).

Além disso, talvez um dos pontos principais do caso Abu Ghraib diga respeito a quem está, e quem não está autorizado a olhar. Vemos, claramente nas imagens, que o jogo de visualidade é tensionado a todo momento, operando para a manutenção do status da contrainsurgência, e garantindo que apenas alguns poucos, os militares que consumiam tais imagens, estivessem autorizados a olhar, enquanto os detentos eram cotidianamente re-torturados com a ameaça fotográfica, e o pavor de que tais imagens fossem expostas a familiares e conhecidos era uma continuação, uma re-exposição ao método. Mal sabiam eles, soldados e detentos, que as 144 fotografias seriam conhecidas mundialmente como um dos casos mais execráveis da história americana, o que nos dá pistas, para futuras escritas, sobre o potencial da circulação de imagens nas mídias para ressignificações das imagens.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Aline; LEITE, Alexandre. Process Training como mecanismo de análise de trajetória: do 11 de setembro à Guerra ao Terror e o caminho a guerra ao Iraque. Revista de Estudos Internacionais (REI), Paraíba, Vol. 10 (1), jan.-jun., 2019.

CARVALHO, Eduardo Oliveira. OPERAÇÃO ENDURING FREEDOM 2001 A 2005: as distintas abordagens. Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima. Dissertação (Mestrado). Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2020.

GLASS, A. Presidente Bush cita 'eixo do mal'. **Político**. 29 de janeiro de 2002. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2019/01/29/bush-axis-of-evil-2002-1127725> Acesso em: 29 out. 2025.

MASTROIANNI, George R. Looking back: understanding Abu Ghraib. The US Army War College Quarterly: Parameters, Estados Unidos, 2013, v.43, n.2, verão de 2013.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. ETD – Educ. Temat. Digit., Campinas (SP), v.18, n.4, p. 745-768, out./dez., 2016.

Por que EUA e aliados invadiram o Iraque há 20 anos. **BBC**, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c84m8d4xdzgo>. Acesso em: 29 out. 2025.

MIRZOEFF, Nicholas. Invisible Empire: Visual Culture, Embodied Spectacle, and Abu Ghraib. Radical History Review, Carolina do Norte, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249880269_Invisible_Empire_Visual_Culture_Embodied_Spectacle_and_Abu_Ghraib.